

Excelentíssimo Senhor
Presidente da Câmara Municipal.

PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº 040/2014

“Denomina o Festival de Teatro Amador de São João da Boa Vista
“Leilah Assumpção”

A Câmara Municipal de São João da Boa Vista, APROVA:

Artigo 1º. Fica denominado o Festival de Teatro Amador de São João da Boa Vista de FESTIVAL DE TEATRO AMADOR DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA “LEILAH ASSUMPÇÃO”.

Artigo 2º. Este festival será realizado anualmente no período de 25 de outubro a 2 de novembro.

Artigo 3º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 4º. Ficam revogadas as disposições em contrário.

Plenário Dr. Durval Nicolau, 27 de fevereiro de 2014

**JOSÉ CLAUDIO FERREIRA
VEREADOR -PMDB**

Leilah Assumpção

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Maria de Lourdes Torres de Assunção conhecida como **Leilah Assumpção** (Botucatu, 18 de julho de 1943) é uma dramaturga e pedagoga brasileira. Em 1964 formou-se pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH/USP.

O principal assunto tratado em suas peças é a mulher e sua situação na sociedade. Suas obras exploram a falta de questionamento feminino por parte da própria mulher, além de criticar a composição da sociedade moderna e capitalista, onde o mais importante é o dinheiro e as aparências.

Em comemoração aos 40 anos de carreira foi montado o monólogo Adorável Desgraçada com a Débora Duarte, direção do Otávio Müller, cenários e figurinos de Bia Lessa.

Índice

Surge entre os dramaturgos que se projetam em torno de 1969 e evidencia especial talento para compor figuras femininas densas, empregando esta ótica para flagrar os conflitos sociais e os jogos de poder. Estudou teatro com Eugênio Kusnet, Renata Pallottini e Miroel Silveira nos anos 60, quando trabalha como manequim de alta costura e, esporadicamente, como atriz.

Sua estreia dá-se em 1969, em São Paulo, com a peça *Fala Baixo Senão Eu Grito*, dirigida por Clóvis Bueno, e premiada com o Prêmio Molière e o da APCT (Associação Paulista de Críticos Teatrais). O material permite a Marília Pêra brilhar no papel de uma solteirona perpassada por recalques e frustrações que empreende libertária, divertida e, às vezes, cruel viagem existencial, guiada por um homem que invade seu quarto. A peça teve, desde então, dezenas de montagens no Brasil e no exterior. Sua segunda criação, *Jorginho, o Machão*, novamente com direção de Clóvis Bueno, em 1970, traz um protagonista masculino. Não possui os méritos da obra anterior, mas confirma qualidades, destacando, através de monólogos interiores, a fuga para a evasão onírica.

A montagem carioca de *Amanhã, Amélia, de Manhã*, com direção de Aderbal Freire Filho, em 1973, prejudicada por cortes e produção deficiente, não é bem-sucedida. Reestruturada e com uma inteligente encenação de Antônio Abujamra, é rebatizada como *Roda Cor de Roda* na montagem paulista de 1975, aprofundando a análise sobre a mulher. Disseca o mito de um eterno feminino que valoriza a mulher bem comportada, servil, meiga, modesta, e dedicada dona de casa, mostrando, de modo provocativamente grotesco, seus caminhos de libertação. Irene Ravache destaca-se no papel. Também esse texto conhece numerosas montagens brasileiras e algumas no exterior.

A *Kuka de Kamaiorá*, premiada no concurso de dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro, em 1975, é sua obra menos realista: uma fábula em que a protagonista engravida, contrariando as normas do regime ditatorial, e cujo feto resiste a todas as tentativas de aborto executadas pelas forças repressivas. A peça é montada por Jorge Takla em 1983, em São Paulo, numa adaptação ópera-rock intitulada *O Segredo da Alma de Ouro*, sem maior destaque.

Vejo um Vulto na Janela, Me Acudam que Eu Sou Donzela, escrita em 1964, só estreia em 1979, com encenação de Emílio Di Biasi. Enfoca a tomada do poder pelo movimento militar, observado sob prisma das inquilinas de um pensionato para moças. Em 1989, a peça é transformada no filme *Brasil, Primeiro de Abril*, por Maria Letícia.

Leilah retorna, em 1984, com *Boca Molhada de Paixão Calada*, com direção de Myriam Muniz, um exemplo da "dramaturgia de casais", caminho seguido por vários autores da época. Trata de um casal que se reencontra após a separação, relembrando trajetória iniciada nos tempos da repressão e da revolução de costumes. Problemas de casais, agora analisados com cáustico humor, surgem igualmente em *Lua Nua*, dirigida por Odavlas Petti, em 1987. E novamente as mulheres, seus conflitos e suas angústias, estão em *Adorável Desgraçada*, de 1994, com direção de Fauzi Arap, montagem pela qual obtém prêmio de melhor autor da APCA. E, em 1999, Luiz Arthur Nunes encena o seu texto *O Momento de Mariana Martins*.

Leilah escreve ainda *Sobrevividos*, para integrar a proibida Feira Brasileira de Opinião, de 1976; *Use Pó de Arroz Bijou*, 1968, sobre suas experiências como manequim; *Seda Pura e Alfinetadas*, em 1981, escrita sob encomenda para o costureiro Clodovil Hernandez e alguns textos inéditos, entre os quais *Um Dia de Sol a Pino, Noite de Lua Cheia e Diz que Fui pra Maíamum!*.

Durante alguns anos, dedica-se à teledramaturgia, sendo a autora das novelas *Venha Ver o Sol na Estrada*, dirigida por Antunes Filho em 1974; *Um Sonho a Mais*, 1984, e da minissérie *Avenida Paulista*, 1985, ambas com Daniel Más. Esteve no Festival Internacional de Dramaturgas, em Buffalo, nos Estados Unidos, em 1988, representando o Brasil.

Avaliando o conjunto da produção de Leilah Assumpção, o crítico Yan Michalski diz: "uma das personalidades mais fortes da geração de autores que veio à tona no fim dos anos 60 - e também uma das mais censuradas, nos anos do regime autoritário -, Leilah tem preservado, na sua trajetória, uma apreciável coerência, criando alguns dos mais fortes personagens femininos da dramaturgia nacional dessas duas décadas; personagens que defendem altivamente os seus direitos e a sua condição de mulheres, através de uma linguagem na qual a veemência, o colorido coloquial e o humor se fundem para criar uma poética muito pessoal".